

Luís Herberto*

“UMA CASA NA PRAIA...”

2018/19

*Nasceu em 18 de Julho de 1966, em Angra do Heroísmo, Açores. Realizou estudos artísticos em diversas instituições, com destaque para a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, terminando a Licenciatura em Artes Plásticas em 1998. Frequentou ainda o Mestrado em Estética e Filosofia da Arte (1999/2000), na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e nesta instituição concluiu o Doutoramento em Belas-Artes/Pintura (FBAUL, 2014), com a tese “Imagens interditas? Limites e rupturas em representações explícitas do sexo no pós-25 de Abril”. É desde 2003, docente na Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior (UBI), na Covilhã, onde é membro integrado da unidade de investigação LABCOM – Comunicação e Artes, e investigador colaborador no CIEBA/FBAUL. Tem publicações com incidência na interacção entre questões do género, sexualidade, provocação e arte. Está representado nas colecções da Biblioteca/FCT da Universidade Nova de Lisboa, ISPA-Instituto Universitário, Fundação Dom Luís/Cascais, Museu da Guarda, Museu de Setúbal e diversas colecções particulares, em Portugal e outros países.
www.luisherberto.com



Uma casa na praia...
2019, 65x98 cm, óleo s/ tela

INTERROGAÇÃO | REFERÊNCIA

Aquilo que entendemos como Arte, é um processo multi-sensorial dedicado à percepção de determinados aspectos da nossa existência e que, no que diz respeito à sua materialização, pode recorrer a qualquer recurso para a sua estrutura comunicativa. Neste sentido, nas inúmeras possibilidades que a Pintura admite, o próprio processo de estruturação é também relevante para o discurso formal e narrativo e sujeito a interpretações várias.

Este recente conjunto de ensaios visuais, que se apresentam como representação para um lugar ficcional, enquanto proposta de *paisagem*, surge com uma certa imprevisibilidade, no que tem dominado o processo na experimentação visual que desenvolvo já desde 1994, cuja investigação é mais orientada para temáticas que se enquadram na provocação, em questões socialmente disruptivas, em projectos reactivos e no contexto de enquadramentos que regulam as sociedades ocidentais contemporâneas, recorrendo a representações do corpo/figura. Contudo, estas abordagens não representam mais oposição que concordância. São sobretudo questões documentais que se destacam nos seus modos panfletários.

Uma casa na praia..., surge paradoxalmente entre a documentação e a memória, na sua apropriação enquanto

sugestão de paisagem, como uma representação de um espaço que o corpo habita e comunica, ausente nestas composições, pelo menos na sua própria materialidade visual.

Formalmente, detém na sua génese, uma icónica fotografia na documentação visual contemporânea – *Case Study House no. 22, Los Angeles* (1960) de Julius Shulman (1910-2009), provocando múltiplos ensaios que resultaram na pintura *Alex playing Shulman, with a fake Rothko...* (2009/2019), já que estava, em simultâneo, a desenvolver a série *As Máscaras de Alex*, apresentado no ISPA, Lisboa, em 2018/2019, e por mero acaso, sugeri ao modelo reinterpretar esta imagem, associando-lhe ainda uma memória histórica e documental de Rothko, não apenas pelo equilíbrio cromático, enquanto necessidade compositiva primária, mas também pela memória a uma obra e artista indispensáveis na cultura visual contemporânea, entre tantos outros. Na sua essência, *Alex...* explora o registo visual ausente do apoio visual da fotografia e a partir daí, permite desenvolver um conjunto de estudos com alguma coerência visual, garantindo a memória visual e perceptiva face ao referente inicial. Desprovidos do “texto visual”, é natural antecipar algumas variações ao referente em causa, apesar da visível repetição morfológica patente nestas variações ao tema.

Como referi, esta pequena série de estudos surge de modo oblíquo nos processos e projectos que desenvolvo. Neste caso e tempo, estava igualmente a desenvolver um outro conjunto de trabalhos a que intitulei *O que faz falta... é malhar na malta!*, apresentado na Biblioteca/FCT (UNL/-Costa da Caparica) em 2018 e no Teatro Municipal da Guarda, em 2019. Também este projecto se encontrava em curso já há muito “no fundo da gaveta dos projectos que um dia irei realizar...”, e na verdade mais na gaveta do que nas paredes do *atelier*, desde os tempos da Faculdade de Belas-Artes, na década de 1990. Estrutura-se a partir das já recorrentes batalhas urbanas que se têm mediática e repetidamente instalado com as revoluções sociais na década de 1960, sem esquecer a lição das importantes e muito actuais pinturas que Júlio Pomar realizou, dedicadas ao Maio de 68, entre as “Batalhas...” de Uccello, que o pintor tomou como próprias na sua adaptação, e que prosseguem de modo irrecusável o seu caminho construtor, entre operadores visuais e os seus públicos.

Estes estudos vão tomando forma entre dois projectos emocionalmente catalisadores – com as devidas distâncias, é claro! Quer nas citações a Shulman e consequente desenvolvimento e apropriação, quer nos subsequentes ensaios, há um registo interpretativo do natural, a par da memória visual do Atlântico, entre as costas da Terceira e as rotinas instaladas das visitas ao mar entre Lisboa e Cascais, com destaque para a praia da Parede, local catalisador no desenvolvimento do meu percurso.

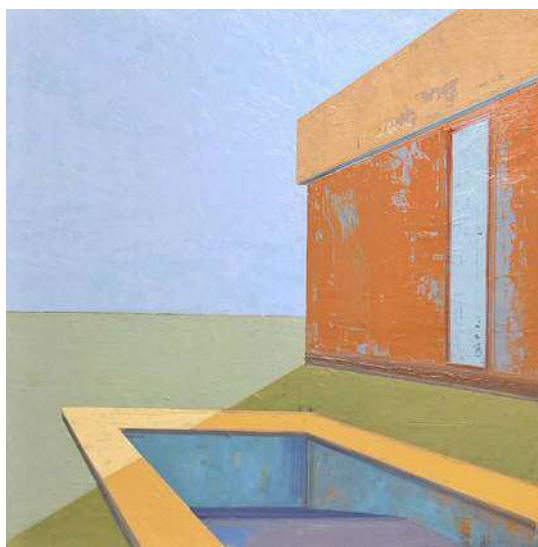
O testemunho do olhar é de igual modo um pretexto descritivo para o recurso à Perspectiva, enquanto garantia para determinadas características construtivas da imagem. Garantem com o rigor necessário, a objectividade da representação, recorrendo a parcas demonstrações em representações de imaginárias construções arquitectónicas que permitem o seu efeito visual.

Correndo aqui o risco de alguma repetição, a imagem renascentista anuncia toda a evolução tecnológica da

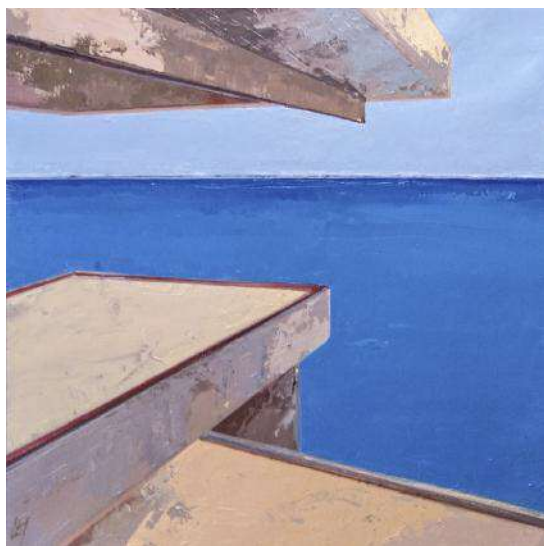
fotografia e do cinema, que justamente, recorre ao discurso compositivo que conhecemos na História da Pintura, acrescentando-lhe a vantagem do discurso ficcional, quando necessário. Por outro lado, o registo fotográfico mantém intactos os mecanismos visuais que asseguram a verosimilhança do espaço real. É o contexto da imagem que permite transfigurações simbólicas, pois se o registo mecânico permite uma captação objectiva do campo visual do observador, a representação gráfica oferece-nos o poder da síntese formal e da decisão compositiva. Deste modo, a análise formal do espaço real, é traduzida pelo recurso gráfico da linha, possibilitando o ensaio de inúmeras possibilidades visuais. Contudo, o discurso da síntese é sempre decisivo. Curiosamente, as possibilidades comunicativas do traçado, descritas no que representa a carga expressiva da linha, são nestas propostas de pintura, substituídas pela síntese da recta traçada com o auxílio de uma tábua ou qualquer outro objecto que permita obter linhas o mais aproximadas da recta geométrica, de modo a evidenciar a construção de planos cromáticos numa forma plástica que é em simultâneo síntese e matéria. Cada uma destas composições revela um exercício de geometrização formalista, que sem perder a sua estrutura material, deixa bem claro o que representa. Poderíamos igualmente avançar para uma exemplificação de um espaço real que vive de uma composição geométrica e abstracta, num afastamento deliberado do registo fotográfico e sedimentadas nas regras da representação rigorosa – Perspectiva.

Todos estes pretextos são válidos e não possuem exactamente uma categoria hierárquica para a sua construção, podendo ser utilizados como referentes, sem necessariamente determinarem rotinas gráficas e plásticas. E é precisamente nesta (des) organização preparatória, que se estabelecem relações visuais com as memórias dos espaços, a par da recuperação de dados visuais como contrastes cromáticos, proporções ou outros elementos construtivos que surgem durante o processo.

“UMA CASA NA PRAIA...” | 2018/19 / Luís Herberto



David, no splash!
2019, 80x80 cm, óleo s/ tela



Certas cores do vento, segundo Shulman
2017/2018, 30x30 cm/ 80x80 cm, óleo s/ tela



Uma casa na praia...
2019, 80x80 cm, óleo s/ tela

“UMA CASA NA PRAIA...” | 2018/19 / Luís Herberto



Uma casa na praia... contra a corrente!
2019, 30x30 cm/ 30x30 cm/ 30x30 cm, óleo s/ tela



Alex playing Shulman, with a fake Rothko!
2009/2019, 130x130 cm, óleo s/ tela

“UMA CASA NA PRAIA...” | 2018/19 / Luís Herberto



Uma casa na praia...
2019, 130x140 cm, óleo s/ tela



Uma casa na praia...
2019, 38x55 cm, óleo s/ tela

“UMA CASA NA PRAIA...” | 2018/19 / Luís Herberto

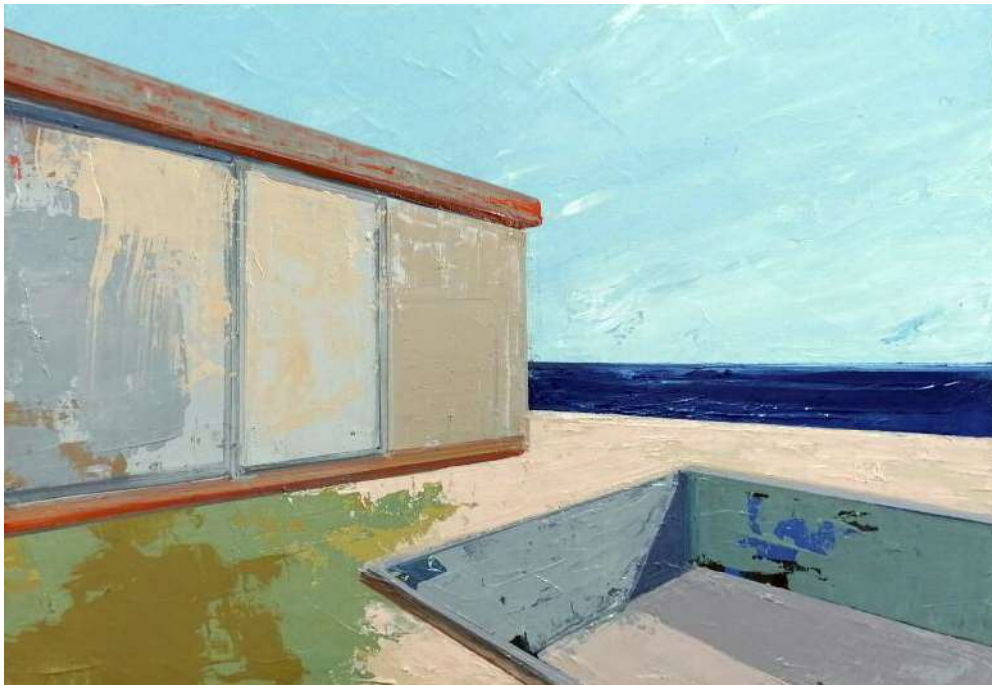


Uma casa na praia...
2019, 38x55 cm, óleo s/ tela



Uma casa na praia...
2019, 38x55 cm, óleo s/ tela

“UMA CASA NA PRAIA...” | 2018/19 / Luís Herberto



Uma casa na praia...
2019, 38x55 cm, óleo s/ tela



Uma casa na praia...
2019, 65x98 cm, óleo s/ tela



Uma casa na praia...
2019, 42x59 cm, óleo s/ papel

PRETEXTO | PROSPECÇÃO | PROCESSO

O espaço da Pintura é em simultâneo o seu campo de investigação, permitindo múltiplas e diversas abordagens e neste caso específico, a sua transmutação para os lugares da paisagem, enquanto coordenadas visuais que o corpo apropria e se instala, mesmo que ocasionalmente.

E precisamente para este conjunto experimental, pode-se igualmente afirmar que um desprendimento material da “obra acabada” pode induzir ao erro da generalização e leituras frágeis por parte do espectador, já que, no senso comum, a necessidade de conclusões é um imperativo resolutivo muito estruturado no pensamento plástico e facilmente adaptado aos públicos. Contudo, por parte do operador visual, a esta necessidade do espectador/fruidor, implica um modo operativo exponencialmente alargado às possibilidades criativas, mais definidas pelos limites das suas relações materiais e sensoriais, do que efectivamente pela sua intencionalidade. A memória dos cheiros, da água salgada que ressalta nas pedras e do calor reflectido nas pedras fica sem testemunho visual potenciando uma outra qualquer abordagem!

No seu já histórico e muito actual ensaio *Discours sur la cécité du peintre* (1985), uma obra inevitável nestas andanças, Júlio Pomar anuncia para cada pintura a necessidade de se resolver noutra, de continuar as interrogações e permitir que as dúvidas fiquem também registadas no suporte. Por um lado, uma acção desta natureza permite obter de imediato um considerável número de

propostas visuais, estimulando a coerência formal, a experimentação gráfica e cromática, os aspectos compositivos e também técnicos. Por outro lado, regista inevitavelmente o processo evolutivo do artista, possibilitando ao próprio e ao mundo exterior, uma aprendizagem da sua escrita. Dito de outro modo, as conclusões nesta actividade podem ser muito restritivas. Porque implicam limites e promovem a cristalização.

Estas considerações *d'après* Pomar, entre outros artistas que têm o seu lugar na minha galeria de referências, como Luís Dourdil, Michael Andrews ou Frank Auerbach, entre muitos outros, são estruturantes para o trabalho que desenvolvo em Pintura, muito levemente a partir dos finais da década de 1980, os primeiros anos de encontro com a Pintura e as demais Artes Plásticas, e mais rigorosamente no período final em que estudei na Faculdade de Belas-Artes, em Lisboa, sobretudo os anos entre 1994 e 1997, estando sem quaisquer dúvidas, incorporadas até ao presente.

A ideia de evolução na continuidade tem servido de linha condutora, quer para cada série temática, quer em estudos mais acidentais, como é o caso da ocasional experimentação em pequeno formato aqui presente. É também um pensamento que agreguei ao processo criativo e experimental, no desenvolvimento do trabalho plástico e na sua adaptação na transmissão deste conhecimento. 